

O Mundo em Português N°2

Novembro 1999

O Arquipélago do Fim

Pedro Rosa Mendes

A guerra roubou tudo aos angolanos. Roubou-lhes o futuro, o presente, o passado e, por fim, o mapa que pisam. Não é poesia. É tragédia.

A geração da utopia desenhou todos os sonhos – justos – para Angola. Poetas guerreiros, guerreiros poetas – as coisas confundem-se desde então – lutaram por um país, seguiram causas, ganharam um Estado – incluindo aqueles que não foram Governo às zero horas de 11 de Novembro de 1975. Na sua imaginação não cabia, porém, a dimensão do desastre que Angola veste neste “réveillon” do Milénio. Nunca coube. Continua a não caber. E, no entanto, é preciso enfrentar uma verdade crua: Angola não é apenas um abismo de deslocados, refugiados, famintos, mutilados, órfãos, viúvas, indigentes. Isso são manifestações, as mais óbvias. Atrás, esconde-se uma entidade bizarra, de uma espécie nova, que só por convenção chamamos de Angola: um país reduzido a uma cidade-Estado; um Estado limitado aos aparelhos de repressão e pilhagem; uma sociedade canibalizada por dois clãs mafiosos; um território pulverizado e inacessível. Um imenso arquipélago de dor.

A guerra, todas as guerras que foram muitas e todos os seus senhores que são afinal poucos, roubaram tudo aos angolanos – roubam hoje, agora, e quando não estão a roubar conspiram o assalto seguinte. Tudo. Não apenas os diamantes, o petróleo, as pernas, as casas e as lavras, o fogo e a liberdade, a vida e as sementes, a esperança e os filhos, a normalidade, os bens, a dignidade. Tudo isso mas muito mais. A guerra roubou-lhes o futuro, porque há um ponto – um sítio, um lugar, Angola – onde a destruição é tão completa, última e íntima que imobiliza o tempo. E o tempo, não se movendo, não vem resgatar as pessoas onde alguém as deixou ficar. A guerra roubou-lhes o presente porque, depois de 30 anos, a maior parte dos angolanos nunca conheceu outro quotidiano que não o dos combates, fugas, sangue e lutos, medo, detonações, perdas e abusos. Roubou-lhes também o passado, porque os que não morreram já não têm memória onde tudo começou ou, se a memória lhes sobrevive, está turva de vergonha. A guerra roubou-lhes, por fim, o mapa que pisam: Angola perdeu território e, de país quase continental, mudou de geografia ao ponto de se transformar num grande país insular, o maior, quase o único, de África, ironicamente no oceano errado – igual aos do Pacífico. Não é poesia. É tragédia.

Apocalipse ontem

As Nações Unidas consideraram, em Setembro, que Angola é “uma das maiores tragédias humanitárias da actualidade”. Declaração exacta por defeito, redundante, atrasada, alarmante. Os números – o melhor da realidade, não esqueçamos – são desmesurados, ou pior, insuportáveis. Dois milhões de angolanos estão em condição crítica, espalhados pelo território controlado por Luanda, obrigados a fugir das suas áreas e sofrendo carências de alimentos, medicamentos, abrigo e terra arável. Duzentas pessoas estão a morrer diariamente – 6000 por mês; vezes 12 dá... – em resultado dos combates, fome e doenças.

No Huambo, a segunda cidade do país, concentram-se quase 200.000 deslocados internos (designados pelas iniciais DPI), de acordo com dados recentes da Unidade de Coordenação da Assistência Humanitária (UCAH). No Cuíto, mais de 80.000. Em

Malanje, perto de 150.000, a província mais duramente atingida, declarada "zona de desastre humanitário" pelo Governo. Há dois meses, a ONU calculava que a subnutrição atingia 30 por cento da população de Malanje – incluindo metade das suas 100.000 crianças, pormenorizavam os Médecins Sans Frontières. Como noutras capitais de província, os residentes de Malanje enfrentam condições tão críticas como os deslocados – no desespero geral, as famílias locais fingem a condição de deslocado de guerra, de "refugiado", para ter acesso à assistência alimentar.

Há uma terrível carência de terra arável. Nas terras baixas, perdeu-se no segundo trimestre o tempo das sementeiras. A estação para plantar a próxima colheita nas terras altas, que devia ter começado em Setembro, ficou igualmente para trás. O ano agrícola vai ser catastrófico, ampliando a extrema penúria alimentar.

Nas áreas da UNITA, três milhões de pessoas continuam inacessíveis às agências humanitárias. Falta conhecer esse hemisfério da tragédia.

Crescer com a guerra

Os dados disponíveis são parcelares e em constante desactualização – para pior. Mas não são passageiros ou conjunturais. A guerra angolana, e a sua destruição, é estrutural e de um tipo insidioso porque se perpetua, mesmo na ausência de combates. As fracturas são múltiplas e recorrentes. Basta pensar que antes mesmo da guerra recomeçar, praticamente a totalidade da população era já deslocada – de todas as guerras e batalhas de toda a guerra civil. Nem é preciso sair ao campo; Luanda é ilustração bastante. Não é por acaso que, durante a "paz" de Lusaca, o programa mais popular da Vorgan, a emissora da UNITA, era uma emissão dominical do género "ponto de encontro". Nos confins do nada, do Uíge à Jamba – e a Luanda –, pessoas procuram pessoas perdidas numa ofensiva, evacuação, mobilização ou... escravidão. Como detectives dos seus próprios afectos, perguntando pelos cacos para reinventar uma vida.

O relatório do Desenvolvimento Humano para o ano de 1998, apresentado em Julho pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, revela para Angola um dos piores desempenhos do mundo. De 1997 para 1998, Angola desceu do 156º para o 160º lugar no "ranking" dos 174 países com estatísticas disponíveis – apesar de estar no pódio da lista dos países potencialmente mais ricos.

A mortalidade infantil situa-se nos 170 por cada mil nados-vivos, enquanto que a mortalidade até aos cinco anos de idade atinge a pernilagem astronómica de 292. O relatório do PNUD diz também que 19 por cento das crianças angolanas nasceram com deficiências de peso. Uma nota desnecessária: o documento não cobre o período posterior ao deflagrar da guerra total em Dezembro de 1998 e, portanto, o próximo relatório adivinha-se muito pior.

Angola vive a pior epidemia de poliomielite em África dos últimos quatro anos. A pólio é altamente contagiosa e afecta sobretudo as crianças de tenra idade; causa paralisia e morte. Percorrendo o país, já antes se via um número anormal de adultos e crianças entravados no chão ou em cadeiras, mas dos que "não pisaram mina". São o pasto da pólio.

Há outras maneiras, mil sem-fim, de roubar o futuro. Nesta guerra onde há pouco de novo (nem sequer as armas químicas), o horror volta a instalar-se nos dias normais: os obuses caem novamente de grande distância nos mercados de Malanje, matando populares à dúzia; o Cuíto já sabia o que é jantar ratos quando não há mais nada em casa (nem a casa); o Huambo nunca deixou de conviver com as minas nos recreios da cidade. Quando tudo isto acabar, terá acabado a terceira

guerra e as feridas revelar-se-ão como depois da segunda, mas mais profundas porque há uma herança que se avoluma.

Citação aleatória sobre este tipo de património: estudos conjuntos da Christian Children Fund e da UNICEF, efectuados entre 1995 e 1997 no Bié, neste momento o epicentro da guerra, concluíram que 97 por cento das crianças da província estiveram expostas a situações de guerra. Na segunda guerra civil (1992-94), 27 por cento das crianças perderam os pais, 89 por cento estiveram expostas a bombardeamentos e 66 por cento assistiram à explosão de minas, percentagem igual às que viram pessoas a morrer ou a ser mortas, o que deixou "traumas psico-sociais".

O relatório, divulgado há um ano nas antevésperas da nova guerra, adiantou que 10 por cento dos rapazes participaram em combates e 33 por cento sofreram ferimentos. Essa é a guerra que não se vê: está dentro e aí continuará para sempre. Atingiu-se o último estágio da destruição: as pontes em 1975, as cidades em 1992, o indivíduo em 1999. A CCF e a UNICEF notaram que muitas das crianças acreditavam que "alguma coisa má pode acontecer nas suas vidas".

A propósito de futuro, convém interrogar sobre a impunidade dos generais de Luanda e do Bailundo que, nesta guerra como nas anteriores, usam para as crianças e os jovens a mesma lógica instrumental que para o petróleo e os diamantes. Trata-se apenas de recursos e os recursos servem para se pôr a render, de imediato.

O Mar de Angola

O chão de Angola foge sob os seus próprios pés. Calcula-se que existe pelo menos uma mina para cada um dos cerca de 10 milhões de angolanos e algumas organizações falam em 15 milhões de engenhos enterrados pelo país. O que não merece discussão é o primeiro lugar mundial neste per capita maldito. Nenhum outro país tem tantas minas e só o Cambodja tem uma taxa de sinistralidade mais elevada. Entre 1995 e 1998 foram identificados 2434 campos de minas, dos quais 419 (18 por cento) foram desminados. Governo e UNITA admitiram que voltaram a minar à porfia – apesar de Angola ser signatária da Convenção de Otawa que proíbe as minas; Luanda ainda não ratificou o tratado. Entre 70 a 100.000 angolanos perderam membros por detonação de minas.

As minas mantêm um terço do país inutilizável. Algumas das províncias com mais população, e mais férteis – Bié, Malanje, Benguela, Cuanza Sul – estão classificadas como de "muito alta" ou "alta densidade" de minas. Mas não é apenas nessas zonas que o território angolano foi assolado por uma espécie de lepra terminal. Somando extensões largamente desabitadas aos espaços e vias que a guerra destrói, proíbe, esvazia ou percorre, é possível compreender como Angola se tornou uma ficção geográfica. Há uma nova verdade por cartografar: um mar interior, um mediterrâneo austral que se estende entre os Congos, a Namíbia e a Zâmbia.

Na promiscuidade da loucura e do colapso, Luanda, cidade-Estado, aguenta-se na ponta de um istmo costeiro que se alarga na Península de Benguela (incluindo os 30 quilómetros de favelas miseráveis desde o Lobito, onde antes havia canaviais e hoje há bairros para deslocados, desempregados ou mutilados do Planalto). Mais para sul, há simplesmente o deserto. Para o interior da terra, a leste, é uma vastidão de mar: No Futungo de Babá, Ali e os Quarenta Ladrões gerem de longe os seus postos avançados, um império de ilhas urbanas para noroeste do Lubango, até às longínquas praças diamantíferas. Chega-se lá de avião, descendo das nuvens na vertical de forma a estar o mínimo tempo possível sobre a linha da artilharia inimiga. Na margem norte deste mar, há novos territórios, reinos vassalos nas

praias de Brazzaville, Kinshasa e sempre mais além...

Na vastidão do meio, controlando marés, anda a UNITA de Jonas Savimbi, um chefe de corsários como são todos os guerrilheiros da água, e a água é quando a terra fica inimiga, estrangeira, lunar a quem nasceu nela. Neste Mar de Angola, resultado do abatimento do leito sobre si mesmo – um fenómeno a que os geólogos chamam “pan” –, nada mais acontece senão a guerra. Excepto, claro, o holocausto de um povo. Ou antes, de náufragos – um país deles.